

EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: SENTIDOS SUBJETIVOS DO SUJEITO QUE APRENDE (CASO JOAQUIM)

Pedro Raimundo Mathias de Miranda ⁽¹⁾; José Moysés Alves ⁽²⁾

Universidade Federal do Acre, pr_mathias@yahoo.com.br ⁽¹⁾; Universidade Federal do Pará, jmalves@ufpa.br ⁽²⁾

Resumo

A sexualidade é uma dimensão humana complexa, que engloba os componentes biológico, psicológico e social e está intimamente relacionada com a história de vida de cada pessoa e sua cultura. O objetivo deste estudo foi compreender como estudantes do Ensino Médio, de uma escola pública de Rio Branco, Acre, subjetivam questões relacionadas à sexualidade, ao participarem de práticas educativas dialógico-problematizadoras em sala de aula, com base em uma abordagem emancipatória de educação sexual. Encontros semanais foram realizados com os sujeitos participantes da pesquisa, para discutir assuntos relacionados à sexualidade, utilizando slides, vídeos, jogos e dinâmicas de grupo como recursos didáticos. A produção de dados ocorreu por meio de conversações em grupo e individuais, preenchimento de complemento de frases e registros individuais pelos próprios sujeitos. Analisamos as informações com base nos princípios da Epistemologia Qualitativa, construindo indicadores de sentidos subjetivos e hipóteses visando produzir um modelo teórico sobre os sentidos subjetivos relativos às questões da sexualidade abordadas, pelos sujeitos que aprendem. O presente estudo apresenta o caso de um dos participantes da pesquisa. Antes das atividades, as expressões do participante indicam que o mesmo subjetivou do contexto familiar e das conversas com os amigos, normas e valores sobre como homens e mulheres devem expressar a sexualidade (ato sexual). Após as atividades, passou a conceber a sexualidade como algo complexo, único em cada ser. O sexo deixou de ser sinônimo exclusivo de sexualidade, entre outros.

Palavras-chave: Sexualidade, sentidos subjetivos, abordagem emancipatória, educação sexual.

Introdução

Neste trabalho, recorte da tese de doutorado do primeiro autor (em construção), investigamos os sentidos subjetivos¹ relacionados à sexualidade, mobilizados de outros contextos e produzidos por estudantes do Ensino Médio de uma escola pública de Rio Branco – Acre, durante o desenvolvimento de atividades de educação sexual, em uma perspectiva de abordagem emancipatória.

A sexualidade é uma dimensão humana que se expressa de diversos modos, conforme a cultura e história de vida de cada pessoa. Constitui um fenômeno amplo, complexo, que envolve conjuntamente questões biológicas, psicológicas, sociais e culturais (BONFIM, 2012; FIGUEIRÓ, 2014).

Sobre a sexualidade, Kahhale (2015, p. 222), afirma que,

[...] é um processo simbólico e histórico, que expressa a constituição da identidade do sujeito, como ele vive a questão da intimidade e da relação com o próprio corpo (público x privado); da significação, das normas, da moral e da ética grupal (grupo no qual se insere e vive no cotidiano). Portanto, a expressão sexual é multideterminada, dinâmica e histórica tanto individual como coletivamente.

¹ Sentidos subjetivos são produções resultantes da articulação dialética entre o emocional e o simbólico, em uma relação recursiva e sem que um seja a causa do outro, que surgem a partir de como cada sujeito vivencia uma determinada experiência (GONZÁLEZ REY, 2010).

Segundo Nunes (2005), abordar as questões da sexualidade na escola não é uma tarefa simples e, não se pode deixar de considerar a riqueza dessa dimensão humana, com todos seus significados, valores e costumes, histórica e socialmente construídos.

Quando as questões da sexualidade são abordadas em sala de aula (enfoque da sexualidade reprodutiva), alguns alunos e alunas demonstram vergonha, ficam retraídos por entenderem a sexualidade como relação sexual e/ou como “algo” imoral e imundo, do qual não se deve falar em público. Outros demonstram interesse e desejo de conhecer, de saber, por exemplo, se há risco de gravidez pelo sexo anal, o porquê da homossexualidade e bissexualidade, o que acontece durante a primeira relação sexual.

Em ambos os casos, as sensações, sentimentos, curiosidades e saberes sobre a sexualidade integram os sentidos subjetivos e as configurações de sentidos subjetivos, construídos nas experiências em família, na escola, na igreja, com os amigos e amigas e em outros espaços sociais, como a mídia e sua pedagogia cultural. Esses saberes e os sentidos subjetivos, geralmente, não são do conhecimento dos professores/as e outros integrantes da comunidade escolar e, portanto, não são considerados nas atividades de educação sexual, intencional e/ou não intencional, na escola.

Os sentidos subjetivos mobilizados de outros contextos e aqueles produzidos pelos estudantes em uma dada experiência na escola ou em outros contextos sociais, marcados ou não pela repressão sexual ou pela negação da sexualidade e suas formas e expressão, têm papel fundamental na compreensão e construção da sexualidade do sujeito, especialmente dos adolescentes.

Concebemos que, em relação à sexualidade, os sentidos subjetivos dependem da articulação complexa e dialética entre as emoções e os processos simbólicos do sujeito. Foram e são construídos nas interações com outros membros da cultura, em sua história de vida e incluem as crenças, os valores, as normas, mitos e tabus (subjetividade social), resultando no modo como cada sujeito se percebe, constrói e vivencia sua sexualidade (subjetividade individual).

O sentido subjetivo é a “unidade psicológica que expressa o caráter subjetivo dos processos psíquicos humanos nas condições da cultura” (GONZÁLEZ REY, 2010, p. 331). Constitui a unidade inseparável do simbólico e o emocional e representa a tensão, o confronto entre a unidade social e individual, conforme os contextos onde o sujeito atua. (Idem, 2010).

A subjetividade social integra os processos de produção de sentidos subjetivos e significados gerados pelos sujeitos nos diferentes espaços sociais. A subjetividade individual corresponde uma forma de organização da subjetividade, decorrente das experiências e histórias diferenciadas dos sujeitos (GONZÁLEZ REY, 2003).

O objetivo geral desse estudo foi compreender como estudantes de uma escola pública subjetivam questões relacionadas à sexualidade, por meio de práticas educativas dialógico-problematizadoras em sala de aula, com base em uma abordagem emancipatória de educação sexual.

Metodologia

A presente pesquisa, de natureza qualitativa, está fundamentada na Epistemologia Qualitativa de González Rey (2005), um referencial epistemológico que concebe a produção do conhecimento como um processo construtivo-interpretativo, valoriza o caráter interativo e dialógico na comunicação do pesquisador com os sujeitos da pesquisa e o singular como instância legítima no processo de produção do conhecimento.

Para o desenvolvimento das atividades de pesquisa e produção dos dados, foram realizados 22 encontros semanais com os sujeitos participantes (16 estudantes, sendo três rapazes e 13 moças), com duração de até duas horas cada, no período de Outubro de 2016 a Junho de 2017.

Os conteúdos abordados foram: conceitos de sexo e sexualidade, componentes da sexualidade, anatomia e fisiologia sexual e reprodutiva, relacionamentos, mídia e sexualidade,

planejamento familiar e métodos contraceptivos, gravidez na adolescência e infecções sexualmente transmissíveis (IST). Utilizamos materiais didáticos diversos como: slides, jogos, vídeos e dinâmicas de grupo. No trabalho pedagógico para desenvolvimento dos assuntos, apresentamos diversas problematizações para que os participantes expressassem suas concepções, que foram utilizadas na construção de indicadores de sentidos subjetivos, na perspectiva de González Rey (2005).

Para a produção de dados, utilizamos como instrumentos orais conversações em grupo e conversações individuais e como instrumentos escritos, complementos de frase e registros individuais dos participantes em caderno destinado para este fim.

Com base no princípio construtivo-interpretativo da Epistemologia Qualitativa proposta por González Rey (2005), analisamos os dados por meio de várias leituras das informações produzidas para identificar e comparar indicadores de sentidos subjetivos, isto é, informações consideradas relevantes que confrontadas com outras informações em outros instrumentos, deram origem a hipóteses que, por sua vez, foram utilizadas na construção do modelo teórico.

O modelo teórico é uma possibilidade de inteligibilidade sobre o problema estudado ou uma síntese do conjunto de ideias articuladas em um tecido dinâmico de significações não evidentes nos fatos, a partir da tensão entre o momento empírico e a produção intelectual do pesquisador (GONZÁLEZ REY, 2005). Para este trabalho, apresentamos os dados iniciais do caso Joaquim, que ilustra o modelo teórico em construção.

Resultados e Discussão

Joaquim, 16 anos, quis participar das atividades do projeto para *“obter mais conhecimentos, tirar algumas dúvidas”*, entendendo que *“ter uma conversa aberta sobre isso [sexualidade] proporcionaria um aprendizado mais leve para um assunto “delicado”*” (Ficha de inscrição – FI). Considerou que **Participar deste grupo** *“me faz ter uma mente mais aberta. Descobrir coisas novas”* (Complemento de frase 1 - CF1).

Contou que, em casa, conversava pouco com os pais sobre o tema porque *“eu acho que eles não estão interessados no assunto. Eu já tentei algumas vezes... Às vezes, é um pouco constrangedor... Eu tentei falar somente com a minha mãe... a minha mãe tem uma mente aberta sobre isso, mas pela influencia do meu padrasto que é bem retrógado. É! Eu acho que ele influencia muito ela, e eu acabo me sentindo um pouco intimidado, por ela ter essa influencia maior. E eu evito falar, entende?”* (Conversação individual - CI).

Joaquim acredita que, *“algumas pessoas têm certo preconceito e rejeição ao assunto [sexualidade] por causa, digamos, das regras sociais e [da] igreja. Sociedade heteronormativa”*. (Conversação em grupo - CG).

Segundo Joaquim, a mãe possui uma mente “aberta” para as questões da sexualidade, mas é influenciada pelas ideias do padrasto. Por isso evita conversar com ela sobre o tema, para não se sentir constrangido. Em seu CF1 disse que, *“com minha família eu não conto tanto”*, não somente para as questões relacionadas à sexualidade, mas também, outras questões importantes de sua vida.

Os indicadores de sentidos subjetivos de Joaquim, relacionados ao presente, revelam um lado negativo da relação consigo mesmo, marcado por timidez e incertezas. Em seu CF1 registrou, *“secretamente eu me odeio. Não sei o que eu quero (ou sei)”* e que, *“meu maior problema é me odiar. Sempre me julgar. Ser meio para baixo, às vezes”*.

Aparentemente, a relação de Joaquim com sua família é marcada por um conflito que envolve sua orientação afetivo-sexual. Isto parece influenciar negativamente a relação consigo mesmo, por não encontrar espaço para dialogar, receber apoio e ser aceito por sua família, no que chama de *“minha sexualidade”*. O participante demonstra ainda que vivencia um dilema quanto a sua

orientação afetivo-sexual. Inicialmente, afirmou ser homossexual. Tempo depois, disse ser bissexual (CI)².

O diálogo dos pais e/ou mães com seus filhos e filhas sobre a sexualidade nem sempre é uma tarefa fácil, devido aos “preconceitos arraigados em uma moral sexual patriarcal [...], quase sempre repressiva, dogmática, pecaminosa e vergonhosa” (BONFIM, 2012, p. 65).

Em virtude desses e outros aspectos, muitas famílias preferem silenciar ou ignorar as questões da sexualidade na educação dos filhos. Outras, condicionadas por dogmas religiosos, ao dialogar sobre o tema, o fazem de forma inadequada, devido à visão reducionista de sexualidade, tratada apenas como sexo (BONFIM, 2012).

Quando questionados se sexo e sexualidade são coisas diferentes, Joaquim disse que sim. Afirmou que sexualidade é “*atração e quais características de outras pessoas são atraentes para você*”. Sobre como uma pessoa manifesta sua sexualidade, disse que, “*é quando alguém sente desejo, atração por determinadas características, pessoas*” (CG e Registro no caderno – RC). Mesmo não fazendo referência direta à relação sexual, as expressões de Joaquim indicam sentidos sobre a sexualidade relacionados ao sexo, o contato íntimo e sexual, de uma pessoa com outra.

Após a apresentação e debate sobre as definições de sexo e sexualidade e os componentes da sexualidade, Joaquim registrou em seu Complemento de Frase 2 (CF2) que:

Sexualidade é algo complexo, único em cada ser. Pode ser definida como “prazer”. Sexualidade não é só sexo.

Meu prazer tocar violão, ouvir música, sair com amigos, ter momentos bons.

Sexo é uma maneira de sentir prazer, reprodução.

As expressões de Joaquim denotam a subjetivação de novos sentidos subjetivos relacionados à sexualidade em sentido amplo, que inclui a necessidade do ser humano de buscar bem-estar, afeto, prazer e carinho, podendo se manifestar por meio de fantasias, andar de mãos dadas, abraçar um/a amigo/a ou o ser amado e, também, sexo (BONFIM, 2012).

De acordo com Desidério (2014, p. 87), “a sexualidade se refere não somente às capacidades reprodutivas do ser humano [...]. Ela é a própria vida, pois envolve, além do corpo, a história, os costumes, as relações afetivas e a cultura”.

Considerando o trabalho pedagógico realizado, encontramos eco das discussões nas expressões de Joaquim que, apoiado em suas experiências pessoais, disse encontrar prazer ao tocar seu violão e em estar com seus amigos. Destaca entre aspas o termo prazer e afirma em seguida que “*sexualidade não é só sexo*” e que, a relação sexual é uma entre outras formas de sentir prazer. A sexualidade não se resume, exclusivamente, aos sentidos que indicam relação sexual.

Com base no vídeo “X salada ou pão com ovo” (ECOS, 2013), apresentamos as seguintes problematizações aos participantes sobre os Direitos Reprodutivos e Direitos Sexuais: se é adequado uma moça ou um rapaz retirar preservativos em um Posto de Saúde? Se é correto uma moça ou um rapaz recusar fazer sexo com seu/sua namorado(a) ou ficante? E, se é aceitável expressões de afeto em espaços públicos, por pessoas homossexuais?

Sobre o direito de uma adolescente retirar preservativo gratuitamente em um Posto de Saúde, Joaquim disse que acharia normal. E acrescentou que é “*algo novo, porque é mais normal um homem ir pegar preservativos, mas, não é nada errado uma mulher querer se proteger*”. E que, se fosse um rapaz na mesma situação, disse que “*seria normal também, nem ligaria, dependendo da idade*” (CG e RC).

As expressões de Joaquim indicam sentidos subjetivos sobre a sexualidade masculina que revelam “normas” da subjetividade social em que, a partir da puberdade, o homem tem toda liberdade para a prática do ato sexual, tem maior necessidade de ter relações sexuais e, por isso,

² É importante deixar registrado que, em nenhum momento, tivemos a intenção de conhecer ou investigar a orientação do desejo afetivo e sexual e, tão pouco, a vida sexual de qualquer sujeito participante.

retirar preservativo em uma Unidade de Saúde não causa nenhuma estranheza nas pessoas. Pelo contrário, essa prática é aceita pela sociedade e, em muitos casos, apoiada e incentivada pelos pais, como forma de comprovação de masculinidade do filho.

O mesmo não acontece com as adolescentes sobre a prática sexual. O retirar preservativos em uma unidade de saúde pode ser constrangedor para uma adolescente, pelos olhares ou brincadeiras que podem denotar reprovação de sua atitude, por parte de algumas pessoas. Para Joaquim é “*algo novo*”, isto é, “foge à regra”, à subjetividade social, embora considere a importância da prevenção da gravidez e das IST por uma jovem, ao ter relações sexuais.

Os Direitos Sexuais e Reprodutivos visam garantir que toda pessoa tenha o direito de viver sua vida sexual com prazer e livre de discriminação. Inclui entre outros, o direito à prática do sexo seguro pelo uso do preservativo, de decidir se quer ou não ter filhos e o momento em que deseja tê-los.

Em relação ao direito de uma adolescente recusar ter relações sexuais com seu namorado ou ficante, Joaquim disse que “*todos tem o direito de recusar [fazer] sexo. Existem muitos casos de menina que fazem sexo com o parceiro sem estar a fim, para manter o relacionamento*”. (CG e RC). No caso de um rapaz recusar fazer sexo com sua namorada, Joaquim reafirmou que “*todos tem o direito de recusar [fazer] sexo. Existem casos de garotos que não querem, mas não recusam para não “quebrar” a masculinidade*” (CG e RC).

As expressões de Joaquim revelam sentidos subjetivos compatíveis com a subjetividade social, que considera que o “homem que é homem” está sempre pronto para o sexo, não pode “negar fogo”, para não ter sua masculinidade colocada em dúvida. Essa perspectiva é fruto de uma educação sexual para rapazes que valoriza a quantidade e não a qualidade da relação afetiva e sexual, bem como, um entendimento de sexualidade, exclusivamente, como relação sexual.

Em relação às garotas, ainda prevalece a “norma” (subjetividade social) que, uma moça só pode ter relações sexuais após o casamento. Essa “norma” prevalece mesmo entre muitas “mentes jovens” masculinas e femininas, geralmente, apoiada por valores morais e religiosos.

A respeito das expressões de afeto por pessoas homossexuais em espaços públicos, Joaquim afirmou que não se sente incomodado. Justificou afirmando que: “*Eu sei o quanto é constrangedor mal olhadas ou comentários maldosos...*” (RC).

Em seu CF2, registrou:

Manifestar a orientação sexual *devia ser algo normal, e não um motivo de vergonha.*

Preconceito com a sexualidade do outro *é algo retrógrado.*

Ser homossexual *certas vezes é assustador, por causa da maneira que algumas pessoas julgam. Todos devem ter consciência de que é normal.*

Discriminação sexual na escola *é difícil, eu vivo. Devia ser algo inaceitável, mas às vezes, até a coordenação [da escola] discrimina (grifo nosso).*

Tenho medo *de homofobia, intolerância.*

Homofobia *infelizmente é algo muito presente hoje em dia, mesmo com muitas pessoas negando esse fato.*

As expressões de Joaquim indicam sua orientação afetivo-sexual e revelam que sofre discriminação na escola. Se sente constrangido pela sua condição (homossexual) devido ao julgamento das pessoas, tem medo das reações de intolerância e/ou homofóbicas de que possa ser vítima. Entende que, de modo geral, as pessoas têm dificuldades para conceber a homossexualidade como algo normal, especialmente na família e na escola.

Conforme os Direitos Sexuais, toda pessoa tem o direito de manifestar sua sexualidade, incluindo a expressão de gênero e orientação afetivo-sexual em espaços públicos. Todos têm o direito à liberdade sexual, à integridade sexual, à segurança do corpo sexual, o direito à equidade sexual, à livre parceria sexual, à expressão sexual emocional, dentre outros (FURLANI, 2011).

Considerações finais

Devido à falta de oportunidades para conversar sobre suas dúvidas e receber orientação de sua família, Joaquim quis participar do projeto para obter conhecimentos, por meio de uma conversa aberta, franca, direta, sobre um assunto que classifica como “*delicado*”, para que pudesse esclarecer suas dúvidas, repensar seus dilemas, descobrir coisas novas e aprender.

As expressões de Joaquim sobre a sexualidade, antes de sua participação no projeto, indicam sentidos subjetivos sobre a sexualidade como um assunto complicado, que as pessoas não dialogam devido às regras sociais e religiosas estabelecidas (subjetividade social).

Mesmo não tendo encontrado espaço para dialogar com sua família, Joaquim não deixou de receber, por via direta e indireta, orientações e esclarecimentos sobre a sexualidade. Subjetivou normas e valores sobre modelos de masculinidade e feminilidade, o que é sexualidade, como as pessoas vivenciam e manifestam sua sexualidade, sobre o que é “normal” uma moça ou um rapaz fazer em relação à vivência de sua sexualidade, entre outros, compatíveis com a subjetividade social.

A participação de Joaquim nas atividades do projeto favoreceu a descoberta de novas informações que possibilitaram produzir novos sentidos em relação às questões da sexualidade.

Referências

- BONFIM, C. **Desnudando a educação sexual**. Campinas: Papyrus, 2012.
- FURLANI, G. **Educação sexual na sala de aula**: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- GONZALEZ REY, F. As configurações subjetivas do câncer: um estudo de casos em uma Perspectiva Construtivo-Interpretativa. *Psicologia, Ciência e Profissão*. V. 30, n. 2, 2010, p. 328-345.
- GONZALEZ REY, F. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- GONZÁLEZ REY, F. **Sujeito e subjetividade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.
- NUNES, C. A. **Desvendando a sexualidade**. 7ª ed. Campinas: Papyrus, 2005.